

**RODRIGO CAETANO
PEDRO PARO**

 **humanizadas**

 **CAPITALISMO
CONSCIENTE®**
BRASIL



EMPREENDEDORISMO CONSCIENTE

Como melhorar o mundo e ganhar dinheiro



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2020



SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	1
1. AS FACES DO CAPITALISMO.....	5
2. DILEMA MORAL.....	15
3. A NOVA ELITE BRASILEIRA.....	19
4. ERA DE MUDANÇAS.....	31
5. O FUTURO DOS NEGÓCIOS.....	35
6. MUITO ALÉM DO LUCRO.....	41
7. AS EMPRESAS HUMANIZADAS.....	45
8. O PODER DA TRADIÇÃO.....	51
9. UMA BASE CONSCIENTE.....	61
10. CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO HUMANIZADA.....	65
11. O PODER DO AMOR.....	75
12. O ATIVO MAIS IMPORTANTE.....	83
13. O PAPEL DA LIDERANÇA.....	91
14. HACKERS DE SI MESMOS.....	95
15. A QUEDA DO CASTELO DE CARTAS.....	105
16. O PODER DE PENSAR DIFERENTE.....	111
17. O SISTEMA ESTÁ DOENTE.....	119

18. O FATOR HUMANO	123
19. A SIMPLICIDADE DAS ESCOLHAS CERTAS	131
20. ERRAR É HUMANO	137
21. AS NOVAS GERAÇÕES DE EMPREENDEDORES	143
22. UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO	153
23. CURIOSIDADES DA PESQUISA	163
24. OS BASTIDORES DA PESQUISA	165
25. CONHEÇA AS EMPRESAS HUMANIZADAS	191
26. EXERCÍCIO: DIÁRIO REFLEXIVO	213
ÍNDICE	225



1

AS FACES DO CAPITALISMO

O mundo dos negócios é fascinante. As histórias por trás das grandes invenções, as disputas comerciais, as inovações que mudaram o mundo, enfim, a vida corporativa é cheia de emoções. Em alguns momentos, no entanto, a atividade empresarial se mostra destrutiva. Empreendimentos que danificam o meio ambiente, falta de ética, assédios, corrupção etc. A busca pelo crescimento tem seu lado negativo. O capitalismo atual apresenta duas faces. Há um lado virtuoso, responsável pelo aumento de renda e da expectativa de vida e pela redução da porcentagem da população abaixo da linha de pobreza. Porém existe, também, uma face sombria, responsável pelo aumento da desigualdade, pelo estímulo à corrupção, pela destruição da natureza e do equilíbrio psicológico, mental e espiritual das pessoas.

Mas qual é a verdadeira face do capitalismo? Encontrar a resposta certa sempre depende da pergunta. Não somos capazes de dizer, com absoluta certeza, qual é o verdadeiro capitalismo. É aquele sistema capaz de financiar pesquisas e descobrir a cura para o HIV ou o que justifica a diferença de salário entre homens e mulheres com a lógica do “elas engravidam”? Convivemos com ambos. Esses dois lados da moeda existem e atuam em constante conflito. A partir desse embate, moldam-se os costumes. O que podemos fazer para entender como resolver os problemas do capitalismo, na realidade, é mudar a forma de enxergar a questão, ou seja, mudar a pergunta. No lugar de buscar a verdadeira face do capitalismo, devemos nos perguntar que tipo de capitalismo queremos construir.

Um mundo pacificado

Sob uma perspectiva evolutiva, precisamos reconhecer os inúmeros avanços que o capitalismo trouxe para a sociedade. A redução da pobreza tem sido constante nos últimos 25 anos — período em que o sistema se consolidou como força hegemônica mundial, após o colapso da União Soviética. Dados do Banco Mundial mostram que mais de um bilhão de pessoas deixaram a extrema pobreza nesse período, levando o percentual de indivíduos nessa condição ao patamar mais baixo da história.¹

O capitalismo também trouxe paz. Com a situação do Iêmen, da Síria, do Iraque e da Ucrânia, ou com a crise de refugiados que há anos assombra a Europa, é difícil acreditar nisso. Entretanto, desde 1945, o mundo experimenta um momento de tranquilidade sem precedente na história. O filósofo israelense Yuval Harari, em seu livro *Sapiens: uma breve história da humanidade*, aponta um novo padrão de ascensão e queda de grandes forças globais, exemplificado na derrocada do Império Britânico. Antes da Segunda Guerra Mundial, os ingleses governavam, com mão de ferro, um quarto do planeta. Nas décadas seguintes, seu vasto território foi se desfazendo até sobraarem apenas pequenas ilhas. Esse processo, em tempos passados, só seria possível por meio do surgimento de uma força militar ainda maior do que o Império Britânico e, possivelmente, teria ocasionado conflitos sangrentos e custado milhares de vidas. É o caso de absolutamente todos os impérios da antiguidade, desde o Romano, pré-cristão, até o Sassânida, pré-islâmico. Os ingleses, no entanto, aceitaram a perda de território quase de uma forma complacente na maioria de suas colônias (exceto por alguns lugares como a Malásia e o Quênia).

As guerras de hoje estão restritas ao interior dos países. São conflitos civis, muitas vezes com participação internacional, é verdade, mas protagonizados por grupos rivais de uma mesma nacionalidade. Nunca, na história do mundo, a Europa Ocidental ficou tanto tempo sem um país invadir o outro. O velho continente está há mais de 70 anos sem nenhuma declaração de guerra e não há um país com arroubos expansionistas, como a Alemanha de Hitler (os Estados Unidos invadiram o Iraque e o Afeganistão, e a

.....
¹ <http://www.worldbank.org/en/news/press-release/2018/09/19/decline-of-global-extreme-poverty-continues-but-has-slowed-world-bank>.

Rússia gera apreensão na Crimeia, mas não podemos creditar esses conflitos a tentativas de dominação mundial por meio da força. São exceções que confirmam a regra.).

Harari afirma que essa onda de paz está relacionada com o surgimento de forças militares capazes de destruir o mundo por completo. De fato, quando uma guerra tem o potencial de acabar com o planeta, quem está com o dedo no gatilho tende a pensar duas vezes. Porém essa onda de paz também se deve à globalização e ao capitalismo. O estabelecimento de uma cadeia global de suprimentos, financiada por um sistema financeiro também globalizado, torna onerosa a tarefa de ganhar território por vias militares. O mais eficiente é ganhar poder por meio de estratégias comerciais. O recente embate entre China e EUA não nos deixa enganar. A chamada “nova Guerra Fria” é uma guerra comercial em que as políticas fiscal e monetária são mais importantes do que o poderio bélico. A paz, hoje, é mais lucrativa do que a guerra.

Capitalismo à brasileira

O Brasil é um dos piores países do mundo para se fazer negócios, ocupando o 109º lugar do relatório *Doing Business 2019*, do Banco Mundial, que mede a facilidade de se empreender em 190 países do mundo. Estamos atrás da Colômbia (65º lugar), do Chile (56º lugar) e do México (54º lugar). Ocupamos a lanterna dos BRICS, atrás de África do Sul (82º), Índia (77º), China (46º) e Rússia (31º). A liderança do ranking continua com a Nova Zelândia, seguida por Cingapura, Dinamarca, Hong Kong, Coreia do Sul e Estados Unidos. Segundo o relatório, os principais problemas que travam o fluxo de negócios no país são as altas taxas de impostos e a lentidão para registrar propriedades, abrir empresas e obter alvarás. Não podemos negar os enormes desafios para se empreender no Brasil.

Mesmo sem a liberdade econômica de nações como EUA e Alemanha, o capitalismo trouxe dividendos para os brasileiros. Segundo dados do Gapminder,² a renda per capita nacional, que era de US\$ 1.100 em 1800, atingiu o patamar de US\$ 14.300 em 2018. A expectativa de vida da população passou de 32 para 76 anos. No mesmo período, o volume de investimentos

.....
 2 <https://www.gapminder.org>.

estrangeiros quase dobrou e a porcentagem da população abaixo da linha da pobreza caiu mais de duas vezes. Houve um aumento de 20% no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), uma redução de 25 vezes na mortalidade infantil e a população está mais alfabetizada. O número de médicos para cada mil pessoas cresceu cinco vezes. A porcentagem de crianças subnutridas também foi reduzida. Esses resultados somente foram possíveis graças ao liberalismo econômico, ao fortalecimento da democracia, ao aumento da produtividade e a uma série de tecnologias que foram importadas ou desenvolvidas internamente. A economia e os mercados globais cresceram exponencialmente. O desenvolvimento humano avançou e os custos de produção dos bens e serviços caíram. Não podemos negar os avanços que o sistema capitalista trouxe para o mundo, em especial para o desenvolvimento econômico e social brasileiro.

Externalidades

No entanto, o capitalismo também gerou problemas ambientais e continua reverberando problemas sociais. Convivemos com fome, miséria, destruição, violência e injustiças profundas. Temos quase 20 milhões de brasileiros que vivem com menos de US\$1,90 por dia. Se, por um lado, tivemos uma redução de 40% da desigualdade no Brasil, segundo o coeficiente Gini, por outro, continuamos sendo um dos países mais desiguais do mundo. O 1% mais rico concentra 28,5% da renda do país, aponta o relatório da *Desigualdade Global de 2019*, da Escola de Economia de Paris, tornando o Brasil o país que mais concentra renda no topo da pirâmide. A falta de emprego é outra mazela que afeta a população. O número de desocupados, segundo o IBGE, chegou a 12,7 milhões de pessoas no início de 2019. Como consequência desse cenário, a violência se tornou uma epidemia crônica. Os muros dos condomínios e os carros blindado não trouxeram tranquilidade às elites. O problema social é tão grande que foi instalado um ambiente de guerra no país. Em 2016, o Brasil registrou mais de 60 mil assassinatos, o ano mais sangrento da história, o que nos garante o título de país que mais mata no mundo, mesmo sem participarmos de um conflito. A cada dez minutos, uma pessoa é morta no Brasil. Há mais de 20 anos, aqui é onde mais se assassina homossexuais no mundo.

O aumento da desigualdade é um problema crônico. Segundo a Oxfam, organização sem fins lucrativos que combate as desigualdades sociais, 26 indivíduos detêm uma riqueza financeira equivalente à metade do planeta. Nos Estados Unidos, em 40 anos, metade da população ganhou apenas 200 dólares a mais. O total de americanos em famílias de classe média encolheu 10 pontos percentuais, caindo para 50%. De acordo com reportagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo, “hoje, o 1% mais rico nos EUA captura o equivalente a toda a renda que antes ficava com a metade mais pobre. Essa, por sua vez, viu sua participação no total de rendimentos cair quase a metade, para 12,5%.” No Reino Unido, identifica-se o mesmo fenômeno: o 1% mais rico dobrou a participação na renda nacional. A Ásia, graças, em grande parte, à China, ainda apresenta fortes indicadores de distribuição de renda. O modelo intervencionista, no entanto, é questionado e já apresenta desaceleração no processo.

Não bastassem os péssimos resultados no âmbito social e econômico, enfrentamos uma crise ambiental sem precedentes. Segundo o jornal britânico *The Guardian*, a probabilidade de cumprirmos o Acordo de Paris (traçado por 195 países com a intenção de deter o aumento da temperatura do planeta) é de apenas 5%. Há um risco real de colapso dos recursos naturais nas próximas décadas. O aumento da população mundial, estimada em 10 bilhões em 2050, pressionará ainda mais a escassez dos recursos naturais. E o uso dos recursos brasileiros não tem sido nada consciente.

Diante desse contexto, a população passa a confiar cada vez menos em seus governantes e nos próprios empresários. No Brasil, o índice de transparência (percepção de corrupção) piorou mais de 20% nos últimos anos. Essas contradições, que podem ser verificadas em praticamente todos os países, têm consequências políticas, sociais e econômicas. O cenário afeta diretamente as futuras gerações. Os *millennials*, que já representam mais de 50% da força de trabalho no mundo, segundo dados da *Forbes*, estão descrentes em relação ao futuro. Uma pesquisa recente da consultoria EY aponta que apenas um terço dos *millennials* acredita que a geração conseguirá prosperar tanto quanto a anterior, muito em função do legado de externalidades deixado por seus antecessores. Isso também vale para as gerações subsequentes. O discurso da ativista sueca Greta Thunberg, durante a cúpula da Ação Climática das Nações Unidas, em Nova York, evidencia o problema:

“Nós estamos vivenciando o começo de uma extinção em massa. E tudo o que vocês fazem é falar de dinheiro e de contos de fadas sobre um crescimento econômico eterno. (...) A proposta de cortar nossas emissões pela metade em 10 anos, apenas nos dá uma chance de 50% de ficar abaixo da marca de 1,5°C e existe um risco de desencadear reações em cadeia irreversíveis que fogem do controle humano. Cinquenta por cento pode ser aceitável para vocês. Mas esses números não incluem outros pontos como feedback, lacunas e um aquecimento adicional causado pela poluição tóxica do ar ou aspectos de equidade e justiça climáticos. Esses números também fazem com que minha geração seja obrigada a ter de retirar centenas de bilhões de toneladas de dióxido de carbono do ar, causadas por vocês, e usando tecnologia que sequer existe. Então, 50% simplesmente não são aceitáveis. Nós teremos de viver com as consequências. (...) Vocês estão falhando conosco. Mas os jovens já começaram a entender sua traição. Os olhos de uma geração futura inteira estão sobre vocês. Se vocês escolherem fracassar, eu lhes digo: nós jamais perdoaremos vocês. Nós não vamos deixar vocês fazerem isso. É aqui e agora que nós colocamos um limite. O mundo está despertando. A mudança está chegando, quer vocês queiram ou não. Obrigada.”

Sem a esperança de que o futuro será melhor, a tendência é de uma insegurança generalizada, fenômeno que tem impacto direto no consumo e nos investimentos, comprometendo o crescimento econômico. Além de, potencialmente, causar distúrbios políticos.

Tempo de revoluções

Nos últimos dez anos, o mundo enfrenta um período de turbulências cujo epicentro foi a crise financeira de 2008. A quebra do banco Lehman Brothers, que desencadeou uma grande ruptura no sistema financeiro global, foi o ponto de partida para um processo de revisão das relações comerciais, não só entre bancos centrais e instituições financeiras, mas também entre os governos e a iniciativa privada. Os esforços para salvar o sistema financeiro

mundial não vieram acompanhados de um novo modelo econômico que desse sentido aos trilhões de dólares empregados na tarefa de não deixar os maiores bancos do mundo irem à bancarrota (cabe ressaltar que a intenção, aqui, não é analisar os méritos ou os aspectos técnicos das decisões tomadas durante a crise, mas, sim, apontar a inexistência de um novo acordo socioeconômico que permita ao mundo enxergar uma perspectiva positiva de futuro. Ainda que modificadas, as instituições permanecem as mesmas no pós-crise, assim como boa parte das ideologias de mercado).

O período entre 2011 e 2013 é emblemático nesse sentido. A Europa buscava uma solução para o problema dos PIIGS, sigla que simbolizava, com certa dose de maldade, os países com maior risco de insolvência (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha). Nos Estados Unidos, uma crise política travava as discussões orçamentárias no parlamento, invocando a remota, porém assustadora, possibilidade de um *default* americano. Em uma decisão polêmica, a Standard & Poor's rebaixa a nota de crédito dos EUA. Os mercados estavam em polvorosa e nenhuma autoridade parecia ostentar credibilidade suficiente para apontar uma solução — não ajudava o fato de boa parte das lideranças, na época, ter se engajado em estratégias dissimuladas ou, simplesmente, ter mentido descaradamente sobre a gravidade da situação. Em meio às turbulências político-econômicas, uma série de manifestações irrompe ao redor do mundo, em contextos e países diferentes, porém com semelhanças importantes. Ao longo de 2011, demonstrações e movimentos de ocupação desafiaram os poderes vigentes. Na Espanha, um milhão de pessoas marcharam contra as políticas de austeridade impostas pela União Europeia. Na Itália, entre 200 e 400 mil foram às ruas e, em Portugal, dezenas de milhares se mobilizaram. Em Nova York, o movimento Occupy Wall Street cresceu silenciosamente nas redes sociais. Inicialmente ignorados pela mídia e pelas autoridades, os manifestantes acabaram chamando atenção do FBI e inspirando uma série de outros movimentos similares em diversas cidades americanas, europeias e asiáticas. Londres, Seul, Roma, Berlin, Mumbai, Hong Kong, Amsterdam, Paris, entre outras, vivenciaram a mesma experiência.

No entanto, foi no Oriente Médio que a onda de manifestações trouxe consequências mais imediatas. A histórica Primavera Árabe derrubou os governos do Egito, da Líbia e da Tunísia. Na Síria, um levante popular resultou em uma guerra sangrenta, que perdura até os dias de hoje, assim como no



2 DILEMA MORAL

Quando se olha para os números, para as evidências, vê-se um cenário cheio de contradições que cria um dilema moral na sociedade. O sistema econômico mais bem-sucedido da história falha ao excluir um grande contingente de pessoas de suas benesses. Chocados e revoltados com a miséria no dia a dia, alguns rejeitam o modelo por completo. Mas não podemos ser ingênuos, ou estúpidos, de achar que é necessária uma “revolução bolivariana” ou a volta do nacionalismo xenófobo para dar conta das injustiças que persistem em atormentar a humanidade. Nesse contexto de ebulição social, surge a necessidade de um novo critério de sucesso e um novo significado para o sistema econômico. É preciso rediscutir o propósito e redefinir os valores fundamentais do sistema para que eles ofereçam uma resposta ao dilema moral imposto pela dicotomia entre crescimento econômico e a miséria persistente. O capitalismo em si não é o indutor das turbulências, mas é preciso se adaptar aos novos tempos. Os problemas atuais estão ligados à credibilidade.

Não é coincidência que diversos países, incluindo o Brasil, onde a democracia garante ao povo a chance de se expressar por meio das urnas, experimentaram momentos de grande renovação política nos últimos anos. Ameaçado, o *establishment* decidiu classificar esses movimentos de incultos ou retrógrados. Não é verdade. Embora parte dessa sanha transformadora evoque ideias ultrapassadas e comprovadamente equivocadas, como a volta da ditadura ou das políticas de repressão, o ponto de partida dessa revolta contra a classe política são demandas legítimas relacionadas a problemas reais. Problemas que não poderão ser resolvidos com soluções temporárias, “puxadinhos” econômicos travestidos de políticas sociais. Enquanto não for apresentado um novo acordo, que dê sentido ao trabalho e um propósito aos trabalhadores, a sociedade continuará a pressionar por mudanças.

Por conta desses desafios, uma nova maneira de pensar o desenvolvimento, com maior ênfase na justiça social, ganha força no debate econômico. O eixo das discussões está mudando. Se antes a preocupação era o crescimento pelo crescimento, atualmente, o foco está em políticas econômicas, fiscais e tributárias, capazes de trazer igualdade acompanhada de crescimento. Economistas apontam que o Brasil cometeu um erro, nas décadas passadas, ao priorizar demais o investimento em capital físico e negligenciar o desenvolvimento social.¹ Não faz sentido discutir economia, sem incluir temas como o fim da desigualdade, o combate à violência e o respeito às minorias.² Sem falar do meio ambiente.

O papel das empresas também precisa ser revisto. O novo milênio trouxe uma mudança importante no modo de vida: pela primeira vez na história, há mais pessoas morando em cidades do que no campo. Estima-se que 2,5 bilhões de pessoas farão essa migração nos próximos 30 anos, o que deve resultar, até 2050, em um cenário no qual duas a cada três pessoas estarão estabelecidas em ambiente urbano.³ Essa realidade, irreversível, apresenta implicações sociais, culturais e econômicas e exigirá soluções complexas nas áreas de mobilidade, moradia, serviços, produção de alimentos e energia. As empresas devem estar preparadas para lidar com uma força de trabalho cada vez mais cosmopolita e conectada. Sistemas produtivos e organizacionais do passado, em grande parte desenvolvidos na época da primeira Revolução Industrial, tornaram-se obsoletos e ineficientes, assim como modelos de negócio centenários. Muitos setores já estão sentindo as primeiras lufadas desses ventos revolucionários. Há, ainda, o desafio de se lidar com o aumento da expectativa de vida. É preciso pensar em como inserir a terceira idade no mercado de trabalho e desenvolver novos modelos de negócio para atender essa população.

É nesse contexto que surge a premissa básica deste livro. O capitalismo tem de ser modificado de dentro para fora. As empresas possuem um capital financeiro muito superior ao dos governos. O faturamento de companhias como Apple, Google, Walmart, Volkswagen e Amazon é superior ao PIB da maioria dos países. Diante desse potencial de transformação, da agilidade para realizar mudanças e do grau de urgência, não acreditamos que a mudança de mundo virá apenas da iniciativa pública. É responsabilidade das

.....
¹ <https://www.uol/eleicoes/especiais/entrevista-economista-samuel-pessoa-eleicoes-2018.htm#negligenciar-desenvolvimento-social-foi-o-erro>.

² <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/11/nao-sabemos-ainda-as-implicacoes-economicas-do-conservadorismo-cultural-diz-arminio-fraga.shtml>.

³ <https://www.un.org/development/desa/en/news/population/2018-world-urbanization-prospects.html>.



3 A NOVA ELITE BRASILEIRA

“Temos uma elite no Brasil muito pouco consciente do que significa a acumulação de renda, a restrição ao consumo e a falta de oportunidades. Compreendemos isso andando pela Faria Lima e frequentando os restaurantes da Rua Amauri. Há mais seguranças do lado de fora do que clientes do lado de dentro. As pessoas lutam em vão para se provar mais bem-sucedidas do que as outras. O rico brasileiro está preso na pobreza social. Suas lindas casas estão escondidas atrás de muros de seis metros de altura. De que adianta poder dar um carro para sua filha, se é preciso ficar acordado até a madrugada esperando que ela chegue? Quando se percebe tudo isso, conclui-se que alguma coisa está errada”, afirma, criticando a própria classe, o herdeiro de uma das famílias mais tradicionais do país, Horácio Lafer Piva, filho do senador Pedro Piva e neto de Horácio Lafer, que foi deputado por São Paulo, ministro da Fazenda no governo Vargas e ministro das Relações Exteriores no governo Kubitschek.

Economista e pós-graduado em Administração de Empresas pela Universidade de São Paulo (USP), Horácio Lafer Piva foi presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a FIESP, entre 1998 e 2004, e ocupou posições importantes na Confederação Nacional da Indústria (CNI). Hoje, é presidente do conselho da Klabin. A empresa, uma das principais produtoras de celulose do mundo e a maior fabricante brasileira de papel para embalagens, tem seu escritório em São Paulo, na Avenida Faria Lima.

Fundada em 1899 pelos irmãos Maurício, Salomão e Hessel Klabin e o primo Miguel Lafer, imigrantes lituanos de origem judaica, em 1924 já figurava entre as três maiores fabricantes de papel e celulose do país. A abertura de capital na Bolsa de Valores de São Paulo se deu em 1979 — a família segue como maior acionista — e, em 2017, a receita líquida da empresa superou os oito bilhões de reais.

A desigualdade social do país é consequência da falta de consciência da elite, citada pelo empresário. As mudanças climáticas também. Para Piva, estamos no limiar de um abismo: “meu irmão chegou ontem do Pantanal, onde estava 17°C. Esse fim de semana passamos um frio imenso em São Paulo. A Califórnia está debaixo d’água. E a culpa é de quem? É das empresas que tiraram da natureza mais do que ela pode dar. Estamos abusando do planeta.” A questão é binária. Ou optamos por um desenvolvimento calcado na concentração de riquezas e na exploração inconsequente dos recursos naturais, que destruirá o mundo, ou por uma conscientização que promova a igualdade social e o respeito ao meio ambiente. Estamos perto de um colapso, mas há salvação.

Para Piva, em meio às lideranças, começa a se formar essa consciência. A mesma elite que se encastela e se isola do mundo em seus condomínios e carros blindados é capaz de oferecer uma resposta. O capitalismo, com seus defeitos e suas contradições, é o único sistema viável. Por isso, precisamos ajustá-lo. “Devemos fazer do capitalismo um instrumento de geração e distribuição de riqueza. Obviamente, uma riqueza que não destrua o planeta e que faça as pessoas felizes. Eu enxergo a possibilidade de se criar uma estrutura capitalista que permita ao empresário focar seu negócio principal e abrir oportunidades para milhares de outras empresas. Com o avanço das comunicações e das startups, as grandes corporações devem terceirizar suas atividades para gerar e distribuir riquezas”, afirma. É preciso adotar uma nova postura. Os líderes e a elite têm a responsabilidade de promover os ajustes necessários ao capitalismo. A estrutura das empresas deve estar voltada para a produção sustentável, que promova o consumo consciente e trabalhe o desenvolvimento das pessoas e da cadeia de fornecedores.